

EXPERIÊNCIA DA MORTE INFANTIL POR ENFERMEIROS RESIDENTES EM HOSPITAL PEDIÁTRICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Eduarda Perroni Nery
idudanery@gmail.com
Alexa Aparecida Lara Marchiorato
Andressa de Oliveira de Campos
Deyse Anne Barbosa de Paulo
Elaine Priscila Pechepiura
Fernanda Mara König
Karina Valeska Zubari de Pontes
Luiza do Amaral Vidal
Silas Teixeira de Souza

RESUMO

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA: a mortalidade de crianças menores de cinco anos de idade é um importante indicador de saúde, auxilia na identificação da necessidade de intervenções para melhorar a qualidade da assistência à saúde dessa população reduzindo a mortalidade infantil (SILVA et. al., 2019). Doenças crônicas afetam a criança, seus familiares e os profissionais de saúde envolvidos no cuidado, aumentando a probabilidade de esgotamento e desgaste emocional, visto que a perda de um filho pequeno interrompe sonhos e expectativas familiares; deste modo é necessário prepará-los para vivenciar a perda e o luto (ARIENTI; PORTELA, 2018). Cuidados paliativos é uma abordagem, desenvolvida por profissionais preparados e treinados, que promove qualidade de vida de pacientes com doenças que ameaçam a vida, diminuindo a dor e o sofrimento, e oferecendo suporte familiar. Os profissionais da enfermagem, junto aos demais profissionais de saúde, são de extrema importância nessa prática, pois reconhecem as necessidades e promovem os cuidados diários a esses pacientes (VERRI et al., 2019).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: trata-se de um relato de experiência acerca da morte de uma criança com menos de cinco anos de idade, de prognóstico grave, em cuidados paliativos, em enfermaria, de um hospital pediátrico, no município de Curitiba, estado do Paraná. A experiência da morte de uma criança que nasceu prematuramente por cesárea de emergência, permanecendo internada desde o nascimento até o óbito, e após um ano e quatro meses, levando aumento da sobrecarga emocional e física dos seus familiares e da equipe multiprofissional. Durante o período que a criança esteve internada, diversas intervenções foram realizadas e, após um ano, a família teve uma difícil reunião com a equipe de cuidados paliativos. Nos meses seguintes, medidas farmacológicas e não farmacológicas foram utilizadas para promover conforto e alívio da dor, e então a criança foi a óbito. A equipe multiprofissional foi fundamental no preparo e no apoio aos familiares. A morte de crianças gravemente doentes, no ambiente hospitalar, pode ser considerada previsível, dessa forma seus familiares reveem alguns planejamentos na tentativa de preparar-se psicologicamente, porém ninguém está totalmente preparado para a perda de um ente querido. Foram 485 dias de hospitalização, durante todo esse período, os profissionais de saúde buscaram esclarecer as rotinas hospitalares, oferecer suporte emocional, encorajar a família a

utilizar suas crenças para minimização do sofrimento, da dor e a vivenciar o luto antecipatório.

RESULTADOS ALCANÇADOS: a atuação dos profissionais da enfermagem é fundamental no processo de enfrentamento da doença, possibilitando troca de experiências, sentimentos e conhecimentos, e promovendo o bem estar do paciente e dos seus familiares. Atuar junto à equipe em casos de morte infantil, aprofunda os conhecimentos do residente na assistência a pacientes em estado grave, através da vivência prática, fundamental no desenvolvimento profissional. Os pais da criança apresentavam esclarecimento sobre o provável prognóstico, comunicando-se abertamente sobre a condição clínica do seu filho. Com o agravamento do quadro geral, a possibilidade de óbito nos dias subsequentes foi abordada, a equipe multiprofissional preparada para orientar os pais e prestar um atendimento de qualidade e humanizado. O diálogo cooperativo e aberto entre os membros da equipe permitiu que a prática profissional fosse bem sucedida. Outro ponto levado em consideração foi a religião, que gera alívio ao sofrimento e oferece conforto; sendo importante também, que os profissionais de saúde levem em conta a religiosidade da criança e dos familiares ao planejar e executar suas intervenções. Para a equipe multidisciplinar, o sentimento de impotência e frustração diante do processo de terminalidade e morte pode representar fracasso e ser doloroso, e essa necessitou de suporte emocional.

RECOMENDAÇÕES: familiares de pacientes com doenças crônicas podem vivenciar sentimentos de perda, fracasso e culpa, se sentir impotentes perante o tratamento, além da sobrecarga física e emocional. Nesse contexto, o profissional deve atentar-se para o reconhecimento das necessidades do paciente e dos seus familiares, pois assume papel importante frente a situações como esta. Atuar junto à família de pessoas em processo de terminalidade é fundamental e apresenta resultados positivos. No entanto, pontua-se a necessidade de preparação acadêmica e mais espaços para abordagem do tema, através de capacitações, por exemplo; preparação do profissional para atuar de forma integral nesse processo, considerando que faz parte do seu trabalho cotidiano, e que nem sempre estes profissionais estão preparados para encarar a finitude da vida e as limitações do tratamento e da recuperação do paciente, contribuindo desse modo para a qualificação do cuidado prestado, ao doente terminal hospitalizado e de sua família.

PALAVRAS-CHAVE: morte infantil, terminalidade, cuidados paliativos.

REFERÊNCIAS

ARIENTI, M. F.; PORTELA, M. V. Z. A criança gravemente doente fala sobre a morte: um relato de experiência. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, Jan./Jun., 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v21n1/v21n1a13.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SILVA, A. C. da et al. Indicadores de mortalidade perinatal, infantil e materna Regional de Saúde do Estado do Paraná. **Revista gestão e saúde**, v. 21, n. 1, p. 1-13, 2019. Disponível em: <<https://www.herrero.com.br/files/revista/file937c265349a95459f97a74779da2e48c.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2021.

VERRI, E. R. et al. Profissionais de enfermagem: compreensão sobre cuidados paliativos pediátricos. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v. 13, n. 1, p. 126-36, jan., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234924/31141>>. Acesso em: 22 set. 2021.